

ALGUMAS DIFERENÇAS TEXTUAIS ENTRE A *VULGATA CLEMENTINA* E A *NOVA VULGATA* NO TEXTO DO *NOVO TESTAMENTO*

Francisco de Assis Florencio (UERJ)
ff017066@gmail.com

RESUMO

Embora as línguas originais da *Bíblia* sejam o hebraico e o grego e, num percentual menor, o aramaico, não há dúvidas de que o latim foi o idioma que mais a divulgou no ocidente, bem como as versões oriundas dessa língua as que mais influenciaram as traduções bíblicas no decorrer da história e continuam a influenciar em nossos dias. O nosso trabalho abordará algumas variantes textuais existentes entre a *Vulgata Clementina* (Vg^{cl}) e a *Nova Vulgata* (NV). A primeira, compilada no século XVI, foi, até o século XX, a versão oficial da Igreja Católica, sendo substituída, então, pela segunda. Influenciada pelos estudos protestantes de crítica textual, essa se diferencia da *Vulgata Clementina*, por ter sido produzida a partir de papiros, manuscritos e códices gregos antiquíssimos, fato que a eleva à condição de mais próxima dos autógrafos do que a *Vulgata Clementina*, cuja origem se dá a partir de manuscritos da Vulgata de São Jerônimo. Não deixaremos de citar também, em nossa análise, outras versões que influenciaram ou foram influenciadas pelas duas versões analisadas.

Palavras-chave: *Bíblia*. Vulgata. Nova vulgata. Variantes textuais.

ABSTRACT

Although the Bible's original languages are the Hebrew and the Greek and, in a lower percentage, the Aramaic, there are no doubts that was the latin, the idiom which spread it in the Western world, as well as the versions originated from it, the ones which most influenced the biblical translations throughout history and continue to influence them up to present days. Our work will approach some textual variants found in the Clementine Vulgate and in the Neo-vulgate. The first, compiled in the 16th century, was, up to the 20th century, the official version of the Catholic Church, being replaced, then, for the second. Influenced by the protestant studies of the textual criticism, the Neo-Vulgate differs from the Clementine Vulgate for the fact that it had been produced from papyrus, manuscripts and very ancient Greek codices, which leads it to the condition nearer the autographs than does the Clementine Vulgate whose origin is from manuscripts of Saint Jerome Vulgate. We will also quote, in this analysis, other versions that influenced or were influenced by those two analyzed versions.

Keywords: Bible. Neo-vulgate. Vulgate. Textual variants.

1. Introdução

O nosso trabalho fará, primeiramente, um breve histórico da Vulgata e da Neovulgata: contexto histórico, autores, responsáveis pela compilação e repercussões ulteriores. Ainda nesse túnel do tempo, apresentaremos algumas versões bíblicas que influenciaram ou foram influenciadas pelos textos latinos. Aqui, merece destaque a *Vetus Latina*, que precedeu a Vulgata e cujos manuscritos são até hoje usados pela crítica textual como fonte de consulta, e a *Vulgata Clementina*, objeto de nosso estudo comparativo. Além das versões latinas citadas, abordaremos também o *Textus Receptus*, que foi bastante influenciado pelo texto latino. No que tange à crítica textual, veremos, ainda que de maneira bem sucinta, como se deu o seu processo evolutivo, cujo apogeu foi o século XIX, culminando na produção de vários textos críticos em língua latina e, por fim, na versão conhecida por *Nova Vulgata*.

Em seguida, passaremos ao desenvolvimento do nosso tema. Primeiramente, gostaríamos de lembrar que a ênfase do nosso estudo não será as revisões e correções feitas pelos revisores da *Nova Vulgata* (NV) no texto latino como um todo, tomando como base o texto hebraico e o texto grego, mas só e exclusivamente algumas variantes textuais existentes nela e na *Vulgata Clementina*. Ao comentar o texto da *Nova Vulgata*, Hugh Alexander Gervase Houghton (2016, p. 171) assim se pronuncia: “A intenção por trás dessa *Nova Vulgata*, também conhecida como Neovulgata, era criar uma versão em latim baseada nos textos críticos atuais da *Bíblia Hebraica* e do *Novo Testamento Grego*, a fim de fornecer um terreno mais firme para o estudo acadêmico”.¹

Assim, a título de exemplo, vejamos:

NV.: SI 1.2 “In pascuisvirentibus cubare me facit.”

Vg^{cl}.: “In loco pascuae ibi me collocavit.”

Como podemos perceber, no exemplo supracitado, o texto da *Nova Vulgata*, estilisticamente, é mais suave e mais poético que o versículo da *Vulgata Clementina*, indo, assim, ao encontro da tradução preferida pelas versões mais conhecidas em português e inglês:

¹ The intention behind this *Nova Vulgata*, also known as the Neovulgata, was to create a Latin version based on current critical texts of the Hebrew Bible and Greek New Testament, in order to provide a firmer ground for scholarly study.

KJV: He maketh me to lie down in greenpastures;

ARC: Deitar-me faz em verdes pastos.

Quanto à segunda parte do comentário de Hugh Alexander Gervase Houghton, é sobre ela que nos debruçaremos e nortearremos o nosso trabalho. Deste modo, como a *Nova Vulgata* foi copilada a partir dos critérios propostos pela crítica textual e, em consequência, de acordo com os códices A (alexandrino), B (vaticano) e κ (sinaítico), a nova versão latina se diferenciará da versão clementina por apresentar variantes textuais oriundas dos códices acima mencionados.

Analisemos, a título de cotejo, Mateus 1:25:

Vg^{cl}: “et non cognoscebat eam, donec peperit filium suum primogenitum, et vocavit nomen eius Iesum.”

NV.: “et non cognoscebat eam, donec peperit filium, et vocavit nomen eius Iesum.”

Como podemos perceber, a *Vulgata Clementina* possui um vocábulo que não consta na *Nova Vulgata: primogenitum*. Deter-nos-emos de forma mais amiúde sobre este exemplo de variante textual na parte destinada ao estudo comparativo.

Embora a *Vulgata Clementina* esteja, na maior parte do seu texto, de acordo com o texto bizantino, ela, muitas vezes, por influência de manuscritos mais antigos da Vulgata, apresenta passagens que comungam com o tipo de texto alexandrino, conforme comenta Robert B. Waltz:

Os eruditos nem sequer chegam a um acordo quanto ao tipo de texto da vulgata original. Nos evangelhos, alguns o chamaram de Alexandrino e outros de Bizantino. Na verdade, ela possui leitura de ambos os tipos, bem como um número de leituras “ocidentais” que são provavelmente remanescentes da *Vetus Latina*. A única vertente mais forte, contudo, parece ser a bizantina; em 870 passagens testadas, percebi que ela concordava com os manuscritos bizantinos em 60% a 70% do tempo, e com o κ B em apenas 45% do tempo. A situação é um pouco mais clara nas epístolas; o elemento bizantino é reduzido e o “ocidental” é aumentado. Ainda assim, deve-se notar que as epístolas da vulgata são muitos mais alexandrinas do que a maioria das antigas versões latinas dos mesmos livros. No Apocalipse, a vulgata preserva um texto muito bom, mais próximo de A e C do que qualquer outro grupo.² (WALTZ, 2007,

² Scholars cannot even agree on the text-type of the original Vulgate. In the gospels, some have called it Alexandrian and some Byzantine. In fact it has readings of both types, as well as a number of “Western” readings which are probably holdovers from the Old Latin. The strongest single strand, however, seems to be Byzantine; in 870 test passages, I found it to agree with the Byzantine manuscripts 60–70% of the time and with κ and B only about 45% of the time. The situation is some-

Ainda que o comentário acima, segundo o autor, não se aplique exclusivamente à *Vulgata Clementina*, nesta também encontraremos expressões e passagens oriundas do códice alexandrino.

2. *Vulgata*

Antes de abordarmos a *Vulgata* (Vg), faz-se necessário falar da versão ou versões que a antecederam. Essa versão, conhecida como *Vetus Latina* (VL), é mencionada pela primeira vez em 180 d.C na obra “Atos dos Mártires Escilitanos”. Embora seu nome apareça no singular, ela representa um conjunto de traduções latinas do *Novo Testamento* que remontam aos séculos II e III e cuja tradução do *Velho Testamento* (VT) teve por base a LXX. É difícil explicar que tipo de bíblias elas eram, pois, antes da *Vulgata*, havia – segundo Jerônimo, no prefácio aos Evangelhos – tantas traduções latinas quantos eram os números dos manuscritos. A designação antiga pela qual a *Vetus Latina* passou a ser conhecida, *Itala*, foi-lhe dada por Santo Agostinho³, segundo o qual ela era a melhor das versões latinas.

Essas traduções são geralmente divididas de acordo com a região em que foram produzidas: África, Europa e Itália, esta última, assim designada, por ser mais elegante que as outras duas. Tudo indica que a mais antiga das três é a africana, o que se deduz pela sua pouca polidez quando comparada às outras duas versões. Os manuscritos das versões anteriores à *Vulgata* são representados, geralmente, por letras minúsculas: a, b, k. O manuscrito mais antigo da *Vetus Latina* é o *Vercellensis* (a), que remonta ao quarto século e cujo conteúdo se restringe aos Evangelhos. Vale ressaltar que, na maioria das antigas versões latinas, os Evangelhos seguem uma ordem pouco comum à maioria dos manuscritos gregos: Mateus, João, Lucas e Marcos. Essas versões são consideradas um tipo de texto ocidental, o que se deve, principalmente, à sua semelhança com um uncial grego do século V ou VI, conhecido como *Codex Bezae* (D).

what clearer in the Epistles; the Byzantine element is reduced and the “Western” is increased. Still, it should be noted that the Vulgate Epistles are much more Alexandrian than most of the Old Latin versions of the same books. In the Apocalypse the Vulgate preserves a very good text, closer to A and C than to any of the other groups.

³ De Doctrina Christiana 2, 22.

No século quatro, o Papa Dâmaso percebeu, devido às muitas diferenças existentes entre as versões latinas, a necessidade da revisão das antigas versões. Para tanto, ele convocou o principal estudioso da *Bíblia* no ocidente e seu conselheiro: São Jerônimo. O seu trabalho se iniciou com a revisão do livro de *Salmos*, utilizando, a título de cotejo, a *Septuaginta*. Após ter sido introduzido na língua hebraica, na Síria, ele passaria as últimas décadas de sua vida em Belém, estudando os textos bíblicos, traduzindo, escrevendo e levando uma vida asceta. A versão de Jerônimo não foi aceita de imediato pelos Pais da Igreja, sendo considerada desnecessária por Santo Agostinho (354-430) e herética por Rufino de Aquileia (340-410). Outros estavam tão apegados ao valor sagrado da *Vetus Latina* e da *Septuaginta* que não conseguiram conceber uma terceira versão. O nome pelo qual ela é conhecida hoje, Vulgata, não lhe foi dado de imediato, mas só a partir do século XIII, para alguns, e do século XVI, para outros, e retoma a ideia de “popular”, ou seja, com uma linguagem acessível ao povo, como já ocorrera com o grego *koiné*. Como ela não pôde suplantar de imediato a antiga versão latina, passou a ser usada com esta até o século VII. Entre os séculos VIII e IX, excede em *status* a *Vetus Latina*, que, finalmente, deixa de ser utilizada.

Vejamos agora algumas diferenças lexicais entre a *Vetus Latina* e a Vulgata:

<i>Vetus Latina</i>	Vulgata
Claritas	Gloria
Sermo	Verbum
Felix	Beatus
Discens	Discipulus
Saeculum {Ego sum lumen saeculi}	Mundus {Ego sum lux mundi}
Lumen	Lux

Passemos a ver agora a influência da *Vulgata* na Idade Média e no Renascimento. Antes de entrarmos no Renascimento, vale a pena destacar o comentário de Frans van Liere sobre a primazia da versão latina na Idade Média:

A *Bíblia* oficial permaneceu o texto da *Vulgata*. O principal uso de textos vernaculares era ajudar os leigos ou pessoas sem escolaridade ou com pouca instrução em latim a entender o significado literal e histórico do texto em latim e ensinar alfabetização bíblica. No longo período que chamamos de Idade Média, uma ampla gama de gêneros e textos foi abrangida pelo que os estudiosos hoje chamam de “traduções vernaculares da *Bíblia*”, e elas poderiam ser destinadas a uma grande variedade de audiências. Mas, em geral, a primazia

As palavras de Frans van Liere deixam claro que mesmo antes de a Vulgata se tornar a versão oficial da Igreja Católica, ela já gozava, na Idade Média, de autoridade sobre as demais existentes, em especial, sobre as versões vernaculares, que eram apropriadas para pessoas incultas ou de pouca instrução.

Ainda nesse período, na tentativa de melhorar o texto bíblico, algumas revisões da Vulgata foram feitas, o que resultou, segundo alguns estudiosos, em versões corrompidas. As mais conhecidas são a de Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador (490-581), por volta de 570; a de Alcuíno de Iorque (735-804), em aproximadamente 800; a de Teodulfo de Orleans (750-821) (cerca de 821); a de Lanfranco de Cantuária (c.1010-1089), por volta de 1089; por fim, as recensões de Estêvão Harding (1060-1134) (cerca de 1100) e a de Stephen Langton (1150-1228) em (1200).

Com a invenção da prensa, no século XV, a Vulgata foi o primeiro livro a ser impresso por Johannes Gutenberg (c. 1400-1468). No século XVI, surgiu um número significativo de versões da Vulgata, dentre as quais, destacamos: a *Bíblia Poliglota Complutense*, que é o nome latino para Alcalá, lugar onde a versão foi produzida. Era uma versão trilingue que, além do latim da Vulgata, continha ainda o hebraico e o grego. Em 1529, Martinho Lutero (1483-1546) e outros estudiosos fizeram uma revisão do texto latino, resultando na edição conhecida como Vulgata Wittenberg. Pode-se acrescentar ainda a edição da Vulgata de Robertus Stephanus (1540), a edição da Vulgata de Leuven (1547) e a edição da Vulgata de Christopher Plantinus (1583). Além dessas, um destaque especial deve ser dado à Vulgata Sixtina (1590) e à *Vulgata Clementina* (1592). A primeira foi aprovada no Concílio de Trento, realizado em 1546, e veio à luz em 1590, sob a égide do Papa Sixto V, de onde vem o nome desta tradução. Já a segunda, compilada pelo Papa Clemente VIII, no final do século XVI, veio a se tornar, até 1979, a versão bíblica oficial da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁴ The authoritative Bible remained the Vulgate text. The principal use of vernacular texts was to help the laity or those unschooled, or poorly schooled, in latin to understand the literal and historical meaning of the latin text and teach biblical literacy. In the long period we call the Middle ages, a wide range of genres and texts was encompassed by what scholars today call "vernacular bible translations", and these could be intended for a wide variety of audiences. But, overall, the primacy of the latin text was not in doubt.

Tão grande foi a influência da *Vulgata* na história da tradução bíblica que Erasmo de Roterdã, quando estava copilando seu *Novo Testamento Grego*, teve, muitas vezes, a título de comparação, de recorrer ao texto latino para dirimir certas dúvidas que os manuscritos gregos de então deixavam em aberto. Vejamos o comentário de Douglas K. Kutilek (1995, p. 28): “A corrupção de ‘árvore’ para ‘livro’ ocorreu em latim quando um escriba descuidado ou sonolento errou ao trocar a forma correta *ligno*(árvore) por uma forma parecida *libro* (livro).⁵ Este comentário diz respeito a *Apocalipse* 22:19⁶. Nessa passagem, Erasmo de Roterdã, por não possuir um manuscrito grego com esse trecho da *Escritura*, recorre à *Vulgata*, fazendo assim uma retroversão. Deste modo, o *Textus Receptus*, ao seguir o texto de Jerônimo, é o único texto grego existente que usa, aqui, “livro” em lugar de “árvore”, contrariando, assim, a todos os manuscritos gregos conhecidos.

Em português, o legado da *Vulgata* se deu, principalmente, no léxico. Como é sabido, durante muito tempo as nossas versões, sejam elas católicas ou evangélicas, empregaram (e muitas continuam a empregar) palavras como *Verbum*, hoje substituída, na maioria delas, por “Palavra”; *caritas*, que, nas versões mais modernas, foi substituída por “amor”, mas que nas mais antigas ainda aparece como “caridade” etc.; outras, porém, por ainda não possuírem um correspondente adequado em nossa língua, continuam a serem tomadas de empréstimo ao texto latino, tais como: *dilúvio* (*diluvium*), *unigênito* (*unigenitus*) e *transfiguração* (*transfiguratio*).

3. *Nova vulgata*

Antes do advento da *Nova Vulgata* e após a publicação da *Vulgata Clementina* (Vg^{cl}), mais uma versão latina apareceu: a *Vulgata Wordsworth-White*, também conhecida como *Vulgata de Oxford* (1889-1954), cujo aparato crítico registra cerca de cinquenta manuscritos da *Vulgata*, muitos anteriores à *Vulgata Clementina*, razão pela qual, Robert B. Waltz tece o seguinte comentário a respeito dela:

Estes comentários aplicam-se, naturalmente, às formas antigas da *Vulgata*,

⁵The corruption of "tree" into "book" occurred in Latin when a careless or sleepy scribe miscopied the correct *ligno* (tree) as though it were the similar-appearing *libro* (book).

⁶ E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.

tal como encontradas, por exemplo, na edição de Wordsworth-White. As formas posteriores, como a *Vulgata Clementina*, eram um pouco mais bizantinas, e têm mais leituras que não ocorrem em nenhum manuscrito grego.⁷ (WALTZ, 2007, p. 1287)

Ela é, sem dúvida, a edição mais completa do *Novo Testamento* da Vulgata, cujo aparato crítico, além dos manuscritos citados acima, traz ainda numerosas testemunhas da *Vetus Latina*, autores cristãos dos primeiros séculos, outras edições e, por fim, vários manuscritos gregos.

Em 1969, veio à luz a *Vulgata Stuttgartensis*, que assim é descrita por Taylor Marshall (2010): “uma edição crítica acadêmica da Vulgata da Sociedade Bíblica Alemã, não usada nas liturgias da Igreja Católica”⁸. Ela influenciou bastante a *Nova Vulgata*, como veremos mais adiante. De raiz protestante, ela usou como base para o *Velho Testamento* a *Vulgata Romana* (tradução da *Vulgata* iniciada em 1907 por monges beneditinos) e, para o *Novo Testamento*, a *Vulgata de Oxford*. Embora os editores tivessem em mente produzir uma mão original da Vulgata Latina, o resultado foi uma revisão de todo o *Novo Testamento*, tendo como base manuscritos que remontam ao século V. Os livros apócrifos ou pseudoepígrafos aparecem num apêndice, no final da edição. Quanto aos sinais de pontuação, a edição segue o texto da *Vulgata de Oxford*, apresentando apenas vírgulas e dois pontos e, quanto à ordem dos livros, segue a *Vulgata Clementina*.

Do lado católico, na década de 1940, sob o pontificado do Papa Pio XII, o Concílio Vaticano II foi convocado para revisar apenas o Salterio latino. Porém, o que seria apenas uma revisão do maior livro poético da *Bíblia* se estendeu a toda a *Escritura Sagrada*. Foi nesse Concílio que veio à luz a Neovulgata ou *Nova Vulgata*, uma edição crítica, cujo texto foi baseado nos textos críticos correntes da *Bíblia Hebraica* e do *Novo Testamento Grego*, afastando-se, assim, em muitas passagens, do texto da *Vulgata Clementina*. A nova versão latina do livro de Salmos foi aprovada para uso litúrgico em 1945; o *Novo Testamento* foi publicado em 1971 e se baseou na primeira edição da *Vulgata Stuttgartensis*, de raiz protestante, razão pela qual o teólogo católico Ronald L. Conte Jr.

⁷ These comments apply, of course, to the old forms of the Vulgate, as found, e.g., in the Wordsworth-White edition. The later forms, such as the Clementine Vulgate, were somewhat more Byzantine, and have more readings which do not occur in any Greek manuscripts.

⁸ a scholarly critical edition of the Vulgate from the German Bible Society, not used in the liturgies of the Catholic Church.

(2010) critica a *Nova Vulgata*: “2. a influência dos protestantes sobre a *Nova Vulgata* é extrema: a *Bíblia* latina protestante de Stuttgart da Sociedade Bíblica Alemã é usada como ponto de partida para a *Nova Vulgata*.”⁹. Fica claro, aqui, que a sua preocupação está no fato de a fé católica ser contaminada por doutrinas e heresias protestantes oriundas do texto bíblico por estes compilado. O texto completo, porém, da Neovulgata só foi publicado em 1979 e promulgado como a versão latina oficial da Igreja Católica Romana na encíclica papal *Scripturarum Thesaurus*. Sua última revisão ocorreu em 1986.

Vejamos o que Robert B. Waltz diz sobre as fontes da *Nova Vulgata*:

..., mas reconstruir o hebraico ou o grego seria muito mais útil do que uma tradução latina!) É compreensível porque a Igreja Católica produziu a coisa – uma igreja ultra-hierárquica precisa de uma *Bíblia* padrão, e dada a sua história, tinha que ser em latim – mas chamá-lo de `vulgata` é simplesmente enganoso.... (WALTZ, 2007, p. 1301).¹⁰

Não há dúvida de que a influência protestante esteve presente na elaboração da *Nova Vulgata*, mas não se pode esquecer de que a crítica a novas versões é algo natural e quase sempre esperado pela crítica textual. Fato semelhante veio a ocorrer com o *Textus Receptus*. Na ocasião de sua compilação (séc. XVI), havia muitos manuscritos da Vulgata, mas muito poucos manuscritos gregos e os que existiam ou não eram muito antigos ou eram pouco confiáveis, razão pela qual Erasmo de Roterdã teve de recorrer muitas vezes ao texto latino para resolver algumas dúvidas quanto às variantes textuais ou até mesmo quanto à ausência de testemunhas gregas. Com o desenvolvimento da crítica textual, principalmente a partir de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, o seu *Novum Testamentum Graece* passou a ser viperinamente contestado e criticado.

4. *Estudo comparativo*

O nosso estudo comparativo iniciar-se-á, como não poderia deixar

⁹ the influence of Protestants on the NV is extreme: a. the Protestant German Bible Society's Stuttgart Latin Bible is used as the starting point for the NV.

¹⁰ ... but reconstructing the Hebrew or Greek would be much more useful than a Latin translation!) It is understandable why the Catholic Church produced the thing — an ultra-hierarchical church needs a standard Bible, and given their history, it had to be in Latin — but to call it a “vulgate” is simply deceptive.

de ser, pelo *Evangelho de Mateus*.

Mateus 1:25

NV.: “et non cognoscebat eam, donec peperit filium, et vocavit nomen eius Iesum.”

Vg^{cl}.: “et non cognoscebat eam, donec peperit filium suum **primogenitum**, et vocavit nomen eius Iesum.”

Ao cotejarmos as duas versões, percebemos que há um vocábulo na *Vulgata Clementina* que não ocorre na *Nova Vulgata*. Para os protestantes mais radicais e defensores de que o *Textus Receptus* é a única versão digna de confiança e fiel ao texto original, a ausência de *primogenitus*, em grego *πρωτοτοκον* iria ao encontro do dogma católico da eterna virgindade de Maria. Gostaríamos de destacar, mais uma vez, que o nosso interesse aqui não é discutir as doutrinas das diversas denominações cristãs, mas sim comparar as versões supracitadas e estudar as principais diferenças entre elas no *Novo Testamento*. Assim sendo, vale destacar que a maioria das versões bíblicas atuais não traz o termo “primogênito”, presente no texto em epígrafe. A que se deve isso? Deve-se, com certeza, à influência dos manuscritos κ e B sobre elas, cujos revisores adotaram a máxima da crítica textual, segundo a qual o *brevior lectio potior*. Embora a *Vulgata Clementina* esteja de acordo com o texto Bizantino e com a maioria dos manuscritos, a crítica textual interna preconiza que, havendo duas leituras, “a mais curta é preferível, se a mudança é intencional” (ANDREWS, 2012, p. 118)¹¹, como se acredita ter ocorrido no versículo em estudo. Acreditamos que não haja prejuízo doutrinário nem para os que defendem o texto majoritário (*Vulgata Clementina*), nem para os que defendem o texto minoritário (*Nova Vulgata*), uma vez que a primogenitura de Jesus é atestada em Lucas 2:7¹².

Mateus 17:20

Vg^{cl}.: “Hoc autem genus non eiciturnisi per orationem et ieiunum.”

NV. ---

C, D, W (96.4%), B ---

A fim de que o consulente não tenha dificuldades na hora de verificar o texto bíblico, vale lembrar que, se a passagem estivesse presente

¹¹ The shorter reading is generally preferred if the change is intended.

¹² “E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura...”

na *Nova Vulgata*, ela seria encontrada no versículo 21.

As evidências externas são fortes em favor do texto da *Vulgata Clementina*, como se pode comprovar pelos testemunhos de códices do século V (C, D) e também pelo fato de o texto crítico das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), que é igual ao da *Nova Vulgata*, classificar o versículo com B, ou seja, há dúvidas se ele deveria ser omitido ou não. A *Nova Vulgata*, claro, segue o texto minoritário, que representa, neste caso, apenas (0.6%), dos manuscritos. Os que omitem este versículo argumentam ainda que ele foi aqui inserido com base na passagem de Marcos 9:29¹³, na tentativa, de quem o copiou, de tornar as passagens, que são paralelas, harmônicas.

Mateus 18:11

Vg^{cl}: “*Venitenim Filius hominissalvare quod perierat.*”

NV. ---

Os responsáveis pela *Nova Vulgata*, seguindo os códices κ , B, omitem todo o verso e usam, como evidência interna, o argumento de que o versículo teria sido acrescentado com base em Lucas 19:10¹⁴. Ainda assim, o texto crítico das Sociedades Bíblicas Unidas *classifica* esta passagem com a letra B, ou seja, há um certo grau de dúvida quanto à sua omissão ou não. Em termos percentuais, 98.5% dos manuscritos trazem este versículo, inclusive códices bem antigos como D (VI), N (VI) e W (V)

Mateus 27:34

Vg.: “*Et dederunt ei vinum bibere cum felle mistum ...*”

NV. “*Et dederunt ei vinum bibere cum felle mistum ...*”

Ao compararmos as duas versões, nenhuma diferença encontramos. Por que, então, compará-las? Destacamos esse versículo para demonstrar que o texto da *Vulgata Clementina*, embora predominantemente bizantino ou majoritário, possui muitas passagens que vão ao encontro do texto alexandrino. Nas duas versões encontramos o vocábulo *vinum* (οἶνον em grego), que é a mesma palavra presente nos códices κ , B e D, 4% dos manuscritos. Para os defensores do texto majoritário, não só a e-

¹³ “E disse-lhes: Desta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum.”

¹⁴ “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.”

vidência externa (96%) dos manuscritos, incluindo os códices A (V), N VI e W (V) corrobora a autenticidade do vocábulo, mas também a evidência interna, uma vez que a passagem bíblica a que o texto faz referência é o Salmo 69:21, onde se lê: “Deram-me fel por mantimento e na minha sede me deram a beber vinagre.” Ao lermos esta passagem em hebraico, encontramos *chomets* (vinagre) e não *yayin* (vinho), evidência bastante significativa para a defesa do texto majoritário. O maior argumento de quem defende o texto minoritário é o critério de antiguidade, uma vez que seus dois principais representantes remontam ao século IV (X, B).

Segundo a *Bíblia de Jerusalém* (BJ), tanto *fel* (que, em Mc 15:23, é substituído por *mirra*), quanto *vinagre* são uma recensão antioquina baseada na passagem supracitada do livro de Salmos.

Mateus 27:35

Vg^{cl}: “*Postquam autem crucifixerun teum, diviserunt vestimenta eius sortem mittentes: ut impleretur quod dictum est per prophetam dicentem: Diviserunt sibi vestimenta mea, et super vestem meam miserunt sortem.*”

NV: “*Postquam autem crucifixerun teum, diviserunt vestimenta eius sortem mittentes*”

De imediato, percebe-se que o texto da *Vulgata Clementina* é bem mais extenso que o da *Nova Vulgata*. O texto majoritário não consta em nenhum manuscrito grego existente, aparecendo apenas no *Textus Receptus*. A sua presença no *Novo Testamento* de Erasmo de Roterdã, ou se deve à influência da *Vulgata* ou à influência de algum manuscrito medieval consultado pelo tradutor holandês. Segundo a crítica textual, esse acréscimo ocorreu em razão de algum escriba, influenciado pelo Salmo 22:18¹⁵, ter feito este acréscimo a fim de tornar o texto mais claro ou mais de acordo com a passagem do *Velho Testamento*.

A *Bíblia de Jerusalém* omite o acréscimo e, em nota, diz que se trata de uma glosa tomada de *empréstimo* a João 19:24¹⁶.

Marcos 11:26

Vg^{cl}: “*Quod si vos non dimiseritis: nec Pater vester, qui in caelis est,*

¹⁵ “Dividiram as minhas roupas entre si, e lançaram sorte sobre as minhas vestes.”

¹⁶ “Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura que diz: Repartiram entre si as minhas vestes, E sobre a minha vestidura lançaram sortes. Os soldados, pois, fizeram estas coisas”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dimittet vobis peccata vestra.”

NV.: ---

Segundo Wilbur N. Pickering (2015), encontramos aqui um exemplo de homeoteleuton, que, segundo a crítica textual, é um erro de visão da parte do copista quando ele está copiando o texto, devido a palavras ou linhas que terminam de modo semelhante. Percebe-se, pelo comentário acima, que, embora o *Novo Testamento* defenda o texto majoritário (96% contra 4% do texto minoritário), ele admite que, nessa passagem, o escriba cometeu um lapso de visão, repetindo o final do versículo vinte e cinco, fato que não se pode perceber tão facilmente no texto latino, mas que fica evidente no texto grego:

ο πατερ υμων ο εν τοις ουρανοις, αφη υμιν τα παραπτωματα υμων.26
...ο πατερ υμων ο εν τοις ουρανοις, αφησει τα παραπτωματα υμων .

Marcos 15:28

Vg^{cl}.: “*Et impleta est scriptura, quaedicit: Et cum iniquisreputatus est.*”

NV.: ---

Como os códices mais antigos omitem essa passagem (κ, A, B, C, D, X, Ψ), o texto das Sociedades Bíblicas Unidas a conceitua com A, ou seja, há quase certeza de que ela não fazia parte dos autógrafos. As notas do texto grego da *Nova Vulgata* assim comentam a ausência desse versículo: “... Sugere-se que tenha sido incluído com base em Lc 22:37¹⁷, especialmente porque Marcos raramente cita o *Antigo Testamento*”. Com esse comentário, fica evidente que, segundo os defensores do texto minoritário, os copistas tentaram não só harmonizar a passagem de Marcos com a de Lucas, mas também criar uma relação de intertextualidade com Isaías 53:12¹⁸. Os defensores do texto majoritário, além do percentual (88.7%), baseiam-se ainda em alguns manuscritos gregos, K (IX), L (IX), P (IX), para defender o acréscimo.

Marcos 16: 9-20

Vg^{cl}.: “*Surgens autem mane, [...] et sermonem confirmante, sequentibus signis.*”

¹⁷ “Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado”

¹⁸ “... e foi contado com os transgressores; ...”

Segundo nota da *Nova Vulgata*, o trecho mais longo de Marcos 16 (que vai do versículo 9 ao 20) não faz parte do texto original. Isso se deve, segundo a nota, ao fato de ele estar ausente dos manuscritos mais antigos (N, B) e de aparecer, nos manuscritos que o contêm, de formas diferentes. Na verdade, o maior argumento, para o acréscimo da passagem, por parte de quem defende o texto minoritário, se dá por conta das grandes diferenças existentes entre os manuscritos majoritários, ou seja, ainda que o final majoritário apareça na grande maioria dos manuscritos, não há, por parte destes, uma uniformização, um consenso quanto à sua mão original: ora a passagem aparece na íntegra; ora aparece com o final minoritário; ora aparece, nas edições críticas, com asteriscos e óbolos. Quanto à evidência interna, ainda se diz que o estilo desta passagem é estranho ao autor do evangelho, uma vez que nela aparecem termos e frases alheios ao restante do livro.

Lucas 9:55-56

Vg^{cl}: “*Et conversus increpavit illos, dicens: Nescitis cuius spiritus estis. Filius hominis non venit animas perdere, sed salvare. Et abierunt in aliud castellum*”.

NV.: “*Et conversus increpavit illos, Et abierunt in aliud castellum*”.

Alguns consideram essa passagem como uma glosa que ecoa Lucas 19:10¹⁹. Além disso, vale a máxima daqueles que defendem o texto minoritário, segundo a qual, *brevior lectio potior*, “a leitura mais curta seja a preferida”, acreditando-se, assim, na tendência que os escribas tinham de adicionar material ao texto. Apesar das evidências contrárias ao texto da *Vulgata Clementina*, o texto das Sociedades Bíblicas Unidas classifica essa passagem com o conceito C, a saber, há dúvidas consideráveis quanto a sua presença ou não nos autógrafos. Assim, embora ela tenha sido excluída do texto supracitado, não se elimina a possibilidade de que os versículos tenham pertencido ao texto original. Isso se deve, segundo Wilbur N. Pickering (2015), à evidência externa, uma vez que, em termos percentuais, a diferença entre os textos majoritários e minoritários é mínima, mas como o versículo 55 se encontra por inteiro no códice D, que serve de suporte para os que defendem o texto alexandrino, deve ser essa a razão de a passagem ter sido classificada com a letra C. Quanto ao versículo 56, embora não apareça nos códices e papiros (p⁴⁵,

¹⁹ “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.”

⁷⁵) mais antigos, está presente nos manuscritos K, Π e Θ, todos do século IX, os quais servem de testemunhas ao texto majoritário.

Conforme nota da *Bíblia de Jerusalém*, o acréscimo teria sido feito por Marcião de Sinope (85-160), considerado herege pelos Pais da Igreja. Bruce Manning Metzger (1992, p. 51) corrobora essa informação ao afirmar: “Na metade do segundo século, Marcião de Sinope eliminou, das suas cópias do Evangelho segundo Lucas, todas as referências feitas à formação judaica de Jesus”.

Lucas 17:36

Vg^{cl}.: “... duo in agro: unus assumetur, et alter relinquetur.”

NV.: ---

Os defensores do texto minoritário creditam a Mateus 24:40²⁰ a origem desse versículo. Ao consultarmos o texto das Sociedades Bíblicas Unidas, verificamos que, se não fosse pelo *testemunho* do códice D, haveria quase certeza (conceito A) de que o versículo em estudo não fazia parte do texto original. Os testemunhos a seu favor ou são de manuscritos minúsculos (do século XII ao XVI), ou de lecionários, ou de textos latinos, como a *Vulgata* e a *Vetus Latina*.

Lucas 22:43-44

Vg^{cl}.: “Apparuit autem illi angelus de caelo confortans eum. Et factus in agonia prolixius orabat. Et factus est sudor eius sicut guttae sanguinis decurrentis in terram”.

NV.: “Apparuit autem illi angelus de caelo confortans eum. Et factus in agonia prolixius orabat. Et factus est sudor eius sicut guttae sanguinis decurrentis in terram”.

Como podemos perceber, os responsáveis pelo texto da *Nova Vulgata*, ao ficarem em dúvida se seguiriam ou não o texto minoritário e omitiriam a passagem, decidiram pela máxima latina, que diz *in dubio pro reo*, ou seja *in dubio pro Vulgata*. A *Nova Vulgata* assim se pronuncia sobre esta passagem: “Alguns manuscritos mais antigos não possuem os versos 43 e 44.” O texto das Sociedades Bíblicas Unidas, no entanto, classifica essa passagem com a letra C, ou seja, há um considerável grau de dúvida quanto à sua presença ou não nos autógrafos. Embora os manuscritos mais antigos A (V), B (IV) e o p⁷⁵ (III) não contenham os ver-

²⁰ “Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro.”

sículos, a passagem está presente em manuscritos tão antigos quanto esses, como se pode comprovar com os seguintes códices: a leitura da mão original de κ^* (IV), D (V/VI) e L (VIII). Um destaque especial merece o códice C (*Ephraemi Rescriptus*), do século V, que apresenta estes versículos depois de Mateus 26:39.

Eis o que diz a nota da *Bíblia de Jerusalém* sobre esses dois versículos:

Embora omitidos por alguns bons documentos, os vv. 43-44 devem ser mantidos. Atestados no século II por numerosos documentos, eles têm o estilo e o cunho de Lc. Sua omissão se explica pelo cuidado de evitar um rebaixamento de Jesus, julgado demasiadamente humano (BJ, p. 1972).

João 1:18

Vg^{cl}: *Deum nemo vidit unquam: unigenitus Filius, qui est in sinu Patris, ipse enarravit.*

NV: *Deum nemo vidit unquam: unigenitus Deus, qui est in sinu Patris, ipse enarravit.*

Numa leitura rápida e sem o negrito, pode até passar despercebida a diferença entre os dois textos. Os que defendem o texto majoritário argumentam que, na *Bíblia*, a palavra *unigenitus* se refere sempre ao Filho, 2ª pessoa da Trindade, e nunca ao Pai e que a sua inserção, no contexto acima, se deve à influência gnóstica. Mas como não pretendemos aqui nos aprofundarmos em questões teológicas, e sim em variantes textuais, embora reconhecamos que muitas destas surgiram a partir de interpretações de escribas e exegetas, manteremos o foco nas versões latinas. Vemos, então, que onde a *Vulgata Clementina* emprega *Filius*, a *Nova Vulgata* faz uso de *Deus*. De acordo com *Novo Testamento* (2015), 99.6% dos manuscritos trazem o $\mu\omicron\nu\omicron\gamma\epsilon\nu\epsilon\varsigma\ \upsilon\iota\omicron\varsigma$ (*unigenitus Filius*), incluindo os unciais A, C e W. Já a variante escolhida para a *Nova Vulgata* foi baseada em dois papiros bastante antigos: p⁶⁶ e p⁷⁵. O primeiro, que remonta ao ano 200 d.C., representa 0, 3% dos manuscritos, incluindo os unciais B e C, e assim se apresenta: $\mu\omicron\nu\omicron\gamma\epsilon\nu\epsilon\varsigma\ \theta\epsilon\omicron\varsigma$ (*unigenitus Deus*); o segundo, do século III, é a única testemunha e, em termos percentuais, representa apenas 0, 1% dos manuscritos, diferenciando-se do anterior apenas pela presença do artigo: o $\mu\omicron\nu\omicron\gamma\epsilon\nu\epsilon\varsigma\ \theta\epsilon\omicron\varsigma$.

Atos 8:37

V^{cl}: *“Dixit autem Philipus: Si credis ex toto corde, licet. Et respondens ait: Credo Filium Dei esse Jesum Christum.”*

NV: ---

Lemos, na *Bíblia de Jerusalém*, que o versículo trinta e sete é uma glosa muito antiga que foi conservada no texto ocidental e que foi inspirada na liturgia batismal, não fazendo, portanto, parte dos autógrafos. Ao consultarmos o texto das Sociedades Bíblicas Unidas, vemos que ele concorda com o comentário anteriormente feito e, quanto ao grau de certeza de que a passagem não estaria presente no texto original, adota o conceito A. Embora o versículo apareça na V^{cl} e em alguns manuscritos da *Vetus Latina*, apenas 8.4% dos manuscritos gregos trazem a passagem em epígrafe e, mesmo assim, não há nenhum anterior ao século VI.

Atos 9:5-6

V^{cl}: "... durum est tibi contra stimulum calcitare. Et tremens ac stupens dixit: Domine, quid me vis facere? Et Dominus ad eum:"

NV: ---

Acredita-se que esses versículos foram acrescentados com base na passagem paralela, que se encontra em Atos 26:14²¹. Embora a passagem seja corroborada por alguns manuscritos da *Vetus Latina*, ela não aparece na grande maioria dos manuscritos gregos, tendo, como única testemunha, o minúsculo 629, do século XIV, o qual, provavelmente, teria influenciado o *Novo Testamento* de Erasmo de Roterdã.

Romanos 8:1

Vg: ... qui non secundum carnem ambulant.

NV: ---

Como podemos perceber, a V^{cl} não segue o *texto* majoritário *ipsis litteris*, pois omite a segunda parte do verso *sed secundum spiritum* (que aparecerá no versículo 4), indo, assim, ao encontro dos códices A, D^b e Ψ. A *Nova Vulgata*, por sua vez, seguindo os códices *κ*, B, D* e G, omite todo o texto presente na maioria dos manuscritos. Como o texto majoritário já foi excluído da maioria das versões modernas e a letra usada pelos responsáveis das Sociedades Bíblicas Unidas para esta passagem é a A, conclui-se que há, por parte da maioria dos estudiosos de crítica textual, quase que certeza absoluta de que a passagem em epígrafe foi acrescentada com base no versículo 4: "... não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito."

²¹ "Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalitrar contra os aguilhões."

Colossenses 1:14

V^{cl}: ... *in quo habemus redemptionem per sanguine meius, remissionem peccatorum: ...*

NV: ... *in quo habemus redemptionem, remissionem peccatorum; ...*

Como essa construção não aparece em 40%, em especial nos códices A, B e C, cremos que os responsáveis pelo texto das Sociedades Bíblicas Unidas pensam ter sido ela incluída aqui com base em Efésios 1:7²², razão pela qual nem a incluíram entre as variantes, havendo apenas uma referência bíblica ao texto da carta a Éfeso.

1 Timóteo 3:16

V^{cl}: *Et manifeste magnum est pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne, iustificatum est in spiritu, apparuit angelis, ...*

NV: *Et omnium confessione Magnum est pietatis mysterium: Qui Manifestatus est in carne, iustificatus in Spiritus, apparuit angelis, ...*

Esse versículo também é bem significativo para a doutrina da Trindade. Percebemos que enquanto a *Nova Vulgata* utiliza o pronome masculino “aquele que”, o que, para *Novo Testamento* (2015), constitui-se numa anomalia gramatical, uma vez que os termos que ele deveria retomar são de gênero neutro (*mysterium*) e feminino (*pietatis*); na *Vulgata Clementina* aparece o neutro “aquilo que”. Além das duas variantes em estudo, há ainda uma terceira, que é a mais relevante para a defesa da divindade de Cristo: Assim, ao substituírmos os pronomes relativos por este vocábulo, fica mais claro para o leitor que o Pai e o Filho são da mesma essência, sendo Cristo, por isso, Deus. Conforme *Novo Testamento* (2015), além de a terceira variante aparecer na maioria dos manuscritos, alguns manuscritos mais antigos, como κ , A, C, embora de corretores sucessivos, também a contêm. A variante escolhida pela *Nova Vulgata* representa apenas 1% dos manuscritos existentes. Quanto à variante presente na *Vulgata Clementina*, o único texto grego que lhe serve de testemunha é o D (*Bezae Cantabrigiensis*), sendo, por isso, uma leitura com um alto grau de dúvida, digna, porém, de elogio por *Novo Testamento* (2015, p. 83): “A redação em latim, `o mistério ... que, ` pelo menos faz sentido”.

1 João 5:7-8

Vg^{cl}: “*Quoniam tres sunt, qui testimonium dant [in caelo: Pater, Verbum et*

²² “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça”

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Spiritus sanctus: et hi tres unum sunt. Et tres sunt, qui testimonium dant in terra: J Spiritus et aqua et sanguis: et hi tres unum sunt.”

NV: “Quiatres sunt, qui testificantur: Spiritus et aqua et sanguis; et hi tres in unum sunt.”

O texto da *Vulgata Clementina*, entre colchetes, realmente parece ser um acréscimo, uma vez que nem os que defendem o texto majoritário acreditam ser ele oriundo dos autógrafos, principalmente pelo fato de ele não ser encontrado em nenhum manuscrito grego anterior ao século XIV. Erasmo de Roterdã (1466-1536) só veio a incluir a passagem, como aparece na *Vulgata Clementina*, na terceira edição do seu *Novo Testamento Grego*. Acreditamos que isso se deu por pressão da Igreja, uma vez que o texto majoritário reforçava a doutrina da Trindade, embora o próprio Erasmo de Roterdã (1466-1536) tivesse feito uma nota marginal, declarando acreditar que o manuscrito que deu origem ao texto majoritário tinha sido deliberadamente alterado. Segundo *Novo Testamento* (2015), o manuscrito grego mais antigo que contém a passagem conforme o texto latino é o minúsculo 629 (século XIV), que, comparado com o *Textus Receptus*, apresenta-se bem diferente: omite doze palavras, muda cinco e acrescenta duas.

Judas 1:5

Vg^{cl}: “Commonere autem vos volo, scientes semel omnia, quoniam Iesus populum de terra Aegypti salvans, ...”

NV: “Commonere autem vos volo, scientes semel omnia, quoniam Dominus populum de terra Aegypti salvans, ...”

Ao compararmos as duas versões, fica claro que a única diferença entre elas está na pessoa que tirou o povo hebreu da terra do Egito. Aqui ecoam mais uma vez as palavras de Robert B. Waltz (2007, p. 533), quando ele diz que as epístolas da *Vulgata* contêm muito mais elementos do códice alexandrino do que do texto bizantino, uma vez que o vocábulo presente na V^{cl} é o mesmo encontrado nos códices A e B. Em termos de crítica textual, ao usar a letra D em seu *Novo Testamento Grego*, o texto das Sociedades Bíblicas Unidas mostra que não há muita certeza sobre a variante textual escolhida por eles: *Dominus*. Isso ocorre porque existem muitas outras variantes textuais para essa palavra.

5. Considerações finais

Com certeza não fechamos o ciclo do assunto abordado, pois ain-

da há muito a se dizer sobre variantes textuais nas versões latinas. Em termos quantitativos, acreditamos ter apresentado um número significativo de exemplos. No que se refere à crítica textual, vale lembrar que o estudo científico é dinâmico e, assim, embora a expressão crítica textual não fosse usada no tempo de Jerônimo como a conhecemos hoje, nem nos séculos que se seguiram, ela já era praticada pelo responsável da Vulgata e por outros que estudaram e traduziram o texto sacro depois dele. O seu desenvolvimento foi acentuado, com certeza, no século XVI com Erasmo de Roterdã e seus contemporâneos. No século XIX, a crítica textual como ciência chegou ao seu ápice graças aos estudos de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort. Havia, porém, uma falta de compreensão quanto ao dinamismo dos estudos científicos e o *Textus Receptus* foi execrado pelos pais da crítica textual. Eles não conseguiam entender que os manuscritos de que Erasmo de Roterdã dispunha não eram melhores ou piores, mas sim os que estavam ao seu alcance no Renascimento. Com trezentos anos de diferença, é claro que a Arqueologia viria a descobrir novos códices, manuscritos e papiros, colocando em xeque o texto do estudioso holandês. Hoje, no século XXI, o mesmo veio a ocorrer com o texto de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, pois, de lá para cá, com a descoberta de novos textos, a premissa de que havia um abismo entre o texto majoritário e o minoritário já não é tão significativa e o embate entre seus defensores se dá no campo das ideias científicas. Isso tudo foi dito para que nos lembremos de que as diferenças textuais existentes entre a V^{cl} e a *Nova Vulgata* não são abissais, nem colossais, mas pontuais e de que não há uma versão certa ou errada, mas apenas versões que diferem entre si em algumas passagens bíblicas, não sendo possível ao estudioso de crítica social dizer que ele tem 100% de certeza de que determinado texto, seja ele da V^{cl}, seja, da *Nova Vulgata*, tenha feito parte dos autógrafos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *The text of New Testament*. Transl.: Errol F. Rhodes. Michigan: Wm B. Eerdmans Publishing Co. Grand Rapids, 1995.

AUGUSTINE. *De Doctrina Christiana*. Edited and translated by R. P. H. Green. Oxford: Clarendo Press, 1995.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BÍBLIA. *Biblia sacra iuxta vulgatam clementinam*. Versão de Alberto Colunga e Laurentio Turrado. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 1999.

BÍBLIA. *Bíblia sagrada versão corrigida e revisada*. Trad.: João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CONTE JR, Ronald L. *The Nova Vulgata has serious problems*. 2010. Disponível em: <<https://ronconte.wordpress.com/2010/09/04/nova-vulgata-problems1>>. Acesso em: 25-09-2019.

HOUGHTON, Hugh Alexander Gervase. *The Latin New Testament: A guide to its early history, texts, and manuscripts*. Oxford: Oxford University, 2016.

KUTILEK, Douglas K. *Erasmus, His Greek Text & His Theology* (IBRI Research Reports Book 32) 1995. Disponível em: <www.ibri.org>. Acesso em: 25-09-2019.

LIERE, Frans van. *An Introduction to The Medieval Bible*. New York: Cambridge University Press, 2014.

MARSHALL, Taylor. *Which Vulgate do you have?* 2010. Disponível em: <<http://taylormarshall.com/2010/03/which-vulgate-do-you-have-how-to-know.html>>. Acesso em: 25-09-2019.

METZGER, Bruce Manning. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1992.

PICKERING, Wilbur N. *The Greek New Testament according to Family 35*. 2. ed. New York: WNP, 2015.

_____. *The Identity of the New Testament Text IV*. New York: WNP, 2014.

THE GREEK New Testament. 4. ed. Edited by K. Aland *et al.* Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

THE GREEK New Testament. The Greek text underlying the English authorized version of 1611. London: Trinitarian Bible Society, 1994.

THE HOLY Bible. *Nova Vulgata*. 2014. Disponível em: <www.FreeBiblesoftware.com>. Acesso em: 25-09-2019.

WALTZ, Robert B. *The Encyclopedia of New Testament Textual Criti-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cism. 2013. Disponível em: <<http://waltzmn.brainout.net>>. Acesso em: 25-09-2019.